

Gritos femininos abafados

Acordei num sobressalto. Novamente ouvia os horrendos gritos abafados que vinham do outro lado da parede. Sujeito imundo. Outra vez espancava a pobre mulher, outra vez. Peguei o celular. Era meia-noite e cinco. Já nem sabia quantas noites havia perdido por causa deles. Era aquela velha história, o marido chegava bêbado e espancava a infeliz esposa que sempre aparecia com uma mancha roxa aqui ou ali. E de madrugada, eu era obrigada a ouvir aquilo. Foi uma das razões de eu sempre ter odiado apartamentos.

“Lavígnia! Lavígnia! A professora de espanhol gritou em meus ouvidos. “Dormindo na sala outra vez?” Fiquei quieta. Sabia que não adiantaria tentar justificar. Apesar de sempre me pegar cochilando, Márcia foi a professora mais querida que já tive. Magra, um tanto alta demais, lábios espessos e pele negra. Por esta última característica ela sofria. Meus colegas riam e faziam piadas, chamavam-na de “Crioula”, “Marciana Torrada” e outros apelidos absurdos. Eles pensavam que ela não percebia ou achava que não era com ela. Mas ela sempre soube. Sua expressão abatida a denunciava. Sempre achei inacreditável o quanto um ser humano pode ser cruel com o outro e nem mesmo perceber.

Chegando do colégio, lavei as mãos e sentei-me à mesa para comer. Meu pai exigia que almoçássemos todos juntos. Minha mãe, rápida e eficiente, colocou a comida na mesa. Era assim que meu pai gostava, ela sabia. Meu celular tocou, o toque era uma música do AC/DC “Back in Black”, se me lembro bem. Eu tinha esquecido de colocar no modo silencioso, papai não suportava que eu ouvisse rock, falava que era música para garotos. Garotos drogados e sem futuro. Mas quando eu ouvia, entrava em um outro mundo, no qual não existiam homens espancadores, alunos preconceituosos ou pais intimidadores. Quanto mais mulheres sofredoras, abatidas ou submissas. Era só eu. Ouvindo aquele barulho que me deixava em um êxtase que apenas eu entendia. Isso me custaria uma surra se meu pai soubesse. E, com certeza, ele diria: “Adolescentes estúpidos, não compreendem a vida.” Esse era meio que seu lema quando se tratava de mim. O engraçado era que meu irmão mais velho ouvia rock, papai sabia, mas ele não era um “garoto drogado” ou um “adolescente estúpido”. Ele era o orgulho do papai, o segundo homem da casa.

“Que porcaria de barulho é esse?” Rugiu meu pai. Silêncio. Peguei rápido meu celular, desliguei, voltei a almoçar. Papai ficou o tempo todo com seus olhos fulminantes fixos em mim. Mamãe o apoiava, eu só não entendia o porquê. Talvez fosse porque era ele quem tomava as decisões em casa, ela não tinha o direito de opinar. Fora acostumada a ser tratada dessa maneira desde a infância, enquanto seus irmãos estudavam, seu pai a obrigava a costurar e cozinhar com a mãe. Nunca havia sido desobediente, ela esperava que eu fosse assim também, porém, sempre achei que o mundo havia reservado algo diferente para mim.

Nesse mesmo dia, voltando do mercado, vi uma rodinha de meninos a alguns metros de mim. Eles estavam fazendo uma algazarra. Estava muito escuro, eles não podiam me ver. Aquela rua estava deserta e mal iluminada, fiquei com medo. Parei de andar. Escondi-me atrás de um murinho que pertencia a um dos lotes baldios. Começou a chover. Droga! Eu precisava ir embora. No meio da roda de moleques, pude ver uma menina. Ah, meu Deus! Era Débora, minha amiga. Fiquei atônita. Ela estava deitada na rua, com as roupas rasgadas e havia um garoto sobre ela. Eu quis gritar quando vi o que estava acontecendo. Eu queria ajudá-la. A chuva ficava mais forte. Débora implorava para que a deixassem ir, ela estava apavorada. De repente ouvi um berro. Comecei a chorar. Chorei por Débora, por não poder ajudá-la, lamentei pela

injustiça, pela violência. Pude ver o sofrimento no olhar de Débora. As sacolas que eu carregava estavam encharcadas de água. Ouvi um carro virando a esquina. Os meninos que estavam ali saíram correndo na direção oposta, deixando Débora estirada no asfalto frio. O carro parou, mas já era tarde demais, o que era para ser evitado, já havia acontecido. Pude ver alguém saindo do carro. Era uma senhora. Eu não tive coragem para ir ver como Débora estava. A senhora levou-a para dentro do carro, esperei-o sumir, então me levantei. Voltei para casa devagar, a passos curtos. Ainda chuviscava um pouco. Não conseguia pensar em nada, a não ser na cena que havia presenciado. Senti muita pena de Débora.

Depois de tomar um longo banho, sentei-me na varanda e pus-me a observar o céu. A noite estava fria e a lua cheia refletia um brilho claro. Comecei a pensar em Débora. Senti-me culpada por não ajudá-la. Como tudo aquilo era injusto! Por que as mulheres tinham que sofrer assim?

No outro dia na escola, sentei-me sozinha como de costume para lanchar, então vi duas colegas de sala. Fiquei com medo. Estava cansada de ser humilhada por aquelas meninas, elas viviam me chamando de esquisitona, emo, excluída, entre outros apelidos que ninguém gosta de ter. Eu tinha poucos amigos, talvez porque eu fosse diferente das outras meninas, eu não era delicada, não usava maquiagem e não frequentava festas. Meu pai dizia que eu não me comportava como uma menina deveria se comportar. Eu nunca liguei para isso porque eu não me importava com o que pensavam de mim. Por sorte, as meninas não me viram e foram sentar-se do outro lado do refeitório.

_ Olá _ disse Priscila, ela sempre me procurava, acho que se identificava comigo, por ambas sofrermos do mesmo problema: exclusão social. Priscila era pobre, andava com jeans desbotados e moletom surrado, tinha déficit de atenção, por isso era alvo de piadas na sala.

_ Oi _ disse eu_ sente-se_ indiquei o lugar vazio ao meu lado. Priscila sentou-se e me contou intrigada sobre o novo projeto de ciências do qual estava participando, mas eu nem ouvia, estava com a cabeça em outro lugar. Fiquei a aula toda ouvindo o professor falar sem realmente escutar nada. Há semanas isso estava acontecendo, eu andava pensativa, pensava sobre o que realmente era importante para mim, para minha vida como pessoa, como cidadã. O sino tocou, era hora de ir embora.

As portas do ônibus se abriram, fui a última a entrar. Sentei-me atrás e fiquei ouvindo os meninos do time de futebol conversarem, eles falavam algo sobre o próximo campeonato, táticas de jogo para vencer o adversário. Era um assunto que pouco me interessava. Nunca gostei muito de praticar esportes, a única vez que tentei foi treinar caratê na sétima série, o que não deu muito certo. Só havia meninos na academia de artes marciais. As amigas de minha mãe começaram a comentar como era feio uma menina lutar, até me sugeriram balé e vôlei. Não demorou muito para minha mãe me tirar das aulas de caratê.

À tarde fui passear no bairro, o tédio em casa me fazia pensar em coisas ruins, me fazia lembrar o que aconteceu com Débora, nada era mais angustiante. As ruas estavam calmas, o céu estava um tanto escuro, o vento chacoalhava as árvores, flores amarelas no canteiro do vizinho murchavam, a natureza parecia entender o que estava se passando comigo. Voltei para casa, jantei e dormi, fora um dia tranquilo.

E acordei num sobressalto. Novamente ouvia os horrendos gritos abafados que vinham do outro lado da parede. Era aquele homem que surrava sua mulher outra vez. Outra vez me tirou dos meus sonhos: lugar onde existia paz, onde não era proibido ser diferente, onde mulheres não apanhavam, não sofriam pela cor de sua pele, não precisavam viver sob as ordens de ninguém e nem tinham seu corpo brutalmente violado.